

A UTILIZAÇÃO DAS PASTAGENS NATURAIS E SEMEADAS NA SERRA DO ALGARVE

Maria I. L. C. Palmilha

Lino D. V. Afonso

Direcção Regional de Agricultura do Algarve

Patação -Faro

ABSTRACT

Ca and K concentrations were, with a few exceptions, within the sufficiency ranges reported in literature. However 30% of the samples collected had a Mg concentration less than $1,8 \text{ g kg}^{-1}$, the lowest critical Mg value published. The soil parameter mostly correlated with Mg concentration in the plant was the ratio Mg/K. In order to obtain the critical concentration of Mg in corn leaves the exchangeable Mg in the soil must be equal or higher than that of K.

INTRODUÇÃO

A existência de vários centros de rebanhos de cabras e/ou ovelhas que para se alimentarem se deslocam dezenas de quilómetros (4), levou-nos a tentar saber o que lhes serve de alimento e a instalar, perto do estábulo, um campo de observação-demonstração.

Neste campo delimitaram-se três talhões: um com pastagem natural, um com pastagem natural fertilizada e um outro com fertilização e sementeira de novas espécies.

Tentámos saber não somente o que os animais comiam como também demonstrar as vantagens de uma pastagem melhorada e/ou semeada, de melhor qualidade e mais próxima do ovil. (5, 8)

Escolhemos duas das zonas onde existiam rebanhos com características distintas.

MÉTODOS UTILIZADOS

Quisemos fazer um campo de observação-demonstração sobre cada uma das superfícies escolhidas, onde delimitámos três talhões iguais com um tratamento diferente. (3, 6)

Talhão A – pastagem natural

Talhão B – pastagem natural com fertilização

Talhão C – pastagem semeada e fertilizada

As duas zonas são bem distintas. Assim:

1 – MAGOITO – O solo é um esquelético de xisto, com uma inclinação da ordem dos 45%, sob-coberto de oliveiras, amendoeiras, alfarrobeiras e azinheiras.

2 – VELHAS – O solo é também um esquelético de xisto, da zona do planalto, desabrigado, sem qualquer protecção.

Instalamos os campos em 1984, mas a sementeira foi demasiado tarde, depois de 15 de Dezembro

Cada ano fizemos duas colheitas de matéria verde para calcular a produção. A primeira foi em Fevereiro/Março, quando os animais começaram a pastorear o ensaio e a segunda em Junho/Julho, Antes da última passagem do rebanho. Estas colheitas foram feitas sob as redes de observação (1 x 1m) que estavam uma em cada talhão.

A escolha da mistura para o talhão semeado foi feita de acordo com as características do solo, das plantas e das condições climáticas.

Para o reconhecimento da flora utilizámos o método do quadrado (25 x 25cm), que era lançado ao acaso dez ou quinze vezes sobre cada uma das superfícies previamente escolhidas. (1, 2, 7, 9, 10)

RESULTADOS

1 - MAGOITO.- três talhões de 0,8ha cada

Tipo de solo: Ex

Inclinação: 45%

Vegetação: Alfarrobeiras, amendoeiras, oliveiras e azinheiras

Fertilização (talhões B e C) /400Kg/ha de adubo composto 7:21:7

Mistura (talhão C) – Trevo sub. cv. Nungarin – 4 Kg/ha
Trevo sub. cv. Seaton Park – 4 Kg/ha
Trevo sub. cv. Clare – 4 Kg/ha
Trevo encarnado cv. Dixie – 2 Kg/ha
Penasco cv. Currie – 5 Kg/ha

QUADRO I

Ano	Talhão A		Talhão B				Talhão C					
	1º corte		2º corte		1º corte		2º corte		1º corte		2º corte	
	MV	MS	MV	MS	MV	MS	MV	MS	MV	MS	MV	MS
1985	900	160	1)	130	1850	320	1)	280	5000	800	1)	710
1986	1050	140	1)	110	3100	450	1)	350	9100	1400	1)	950
1987	1200	200	1)	150	3500	600	1)	450	10200	1950	1)	1200

1) Não se fez a determinação da MV porque a erva estava demasiado seca

2 - VELHAS - três talhões de 1 ha cada

Tipo de solo: Ex

Inclinação: 0-5%

Vegetação: nenhuma

Fertilização (talhões B e C) - 400Kg/ha de adubo composto: 7:21:21

Mistura (talhão C) - Trevo sub. cv. Nungarin - 4 Kg/ha

Trevo sub. cv. Seaton Park - 4 Kg/ha

Trevo sub. cv. Trikkala - 4 Kg/ha

Trevo encarnado cv. Dixie - 2 Kg/ha

Penasco cv. Currie - 1 Kg/ha

Alpista cv. Sirolan - 1Kg/ha

Azevém cv. Wimera - 2Kg/ha

QUADRO II

Ano	Talhão A		Talhão B				Talhão C					
	1º corte		2º corte		1º corte		2º corte		1º corte		2º corte	
	MV	MS	MV	MS	MV	MS	MV	MS	MV	MS	MV	MS
1985	700	120	1)	120	1500	250	1)	240	4000	650	1)	700
1986	330	200	1)	180	2700	650	1)	600	5200	1375	1)	1200
1987	780	180	1)	150	2900	650	1)	630	7300	1850	1)	110

1) Não se fez a determinação da MV porque a erva estava demasiado seca

DISCUSSÃO - CONCLUSÃO

A observação dos quadros mostra perfeitamente a diferença entre as produções, o que era o fim a atingir na componente demonstração.

Os agricultores ficaram sensibilizados com os resultados apresentados.

No que respeita à componente observação, a adaptação das plantas semeadas, pensamos ser possível obter melhores resultados com outra mistura a até mesmo uma outra técnica de exploração, extensiva. (5, 8) É este o fim a atingir com o trabalho que pretendemos realizar proximamente.

BIBLIOGRAFIA

- (1) BELIZ, J. M.; CADETE, A.. *Catálogo das Plantas Infestantes das Searas de Trigo*. Vol. I, Lisboa E.P.A.C. 1978.
- (2) BELIZ, J. M.; CADETE, A.. *Catálogo das Plantas Infestantes das Searas de Trigo*. Vol. II, Lisboa, E.P.A.C., 1982.
- (3) LEAL DE OLIVEIRA, A. F.. *Caracterização Agro-Ecológica e Ordenamento do Nordeste Algarvio*, 1984.
- (4) MACÁRIO CORREIA, José. *Níveis de Desenvolvimento Agrícola do Algarve (Análise por Concelho)*. Comissão de Coordenação da Região do Algarve, 1983.
- (5) MALECHE, J.; PROVENZA, F.. *Comportamento Alimentário y Nutricion del Ganado Caprino em Pastizales*. Revista Mundial de Zootécnica nº 47
- (6) PARADINHA, M. Julieta. *Caracterização da Zona do Nordeste Algarvio*. Direcção Regional de Agricultura do Algarve, 1984.
- (7) POLUNIN, O.; SMYTHIES, B.. *Guía de Hampo de las Flores de España, Portugal e Sudeste de Francia*. Ediciones Omega, Barcelona, 1981.
- (8) SIMIANE, Michel. *Botanique et Valeur Alimentaire*. La Chèvre nº 154.
- (9) VASCONCELOS, J. C.. *Infestantes das Searas*. Chaves Dicotómicas para a sua Determinação antes da Floração.
- (10) VASCONCELOS, J. C.. *Ervas Forrageiras*. Serviço de Informação Agrícola. Secretaria de Estado da Agricultura. Lisboa, 1962.